

UM CRIME PERFEITO¹: RESGUARDANDO A NATUREZA

Bernardo Gomes Ribeiro

Mestrando em Geografia

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Bolsista CNPq

Ex-Bolsista do grupo PETGEOPUC-Rio

benigdotn@yahoo.com.br

Resumo

As diversas transformações que vêm ocorrendo no espaço, em ritmo cada vez mais acelerado, acarretam numa nova conjuntura. A natureza, como principal elemento constituinte deste espaço, sofreu – e sofre – alterações no que concerne à sua acepção. Tais alterações desqualificam a natureza para, depois, requalificá-la, onde a natureza real torna-se natureza virtual. Esta, por sua vez, está em consonância com o mundo em que se encontra. Neste mundo, imerso na objetividade, as informações se proliferam num ritmo vertiginoso e os meios virtuais tornam-se cada vez mais presentes. Trouxemos aquilo que estava para além da tela, para o lado de cá: resta-nos agora entender esta natureza. Partindo do conceito de virtual proposto por Jean Baudrillard, e de sua consideração sobre o fim da realidade, visamos trabalhar com a hipótese de uma natureza virtual. O que seria, então, a natureza virtual? Esta é a pergunta-questão que nos propomos a pensar no presente artigo. Questionar em que medida o real e o virtual distinguem-se, hoje em dia, um do outro, é nossa meta, afim de pensar esta oposição em relação à natureza.

Palavras-chave: real; virtual, natureza

A PERFECT CRIME: SAFEGUARDING NATURE

Abstract

The innumerable changes space has been undergoing at an ever growing accelerated pace bring forth a new situation. Nature, being the chief element constituting this space, suffered – and is suffering – alterations regarding its meaning. Such alterations un-qualify nature and then qualify it again, and then real nature becomes virtual nature. This latter, in turn, is in accordance with the world it is inserted in. In this world, plunged into objectivity, information multiplies at a dizzying pace and virtual media becomes growingly ever present. We have brought forth things that were beyond the screen to this side: we are supposed to understand this nature now. Starting from Baudrillard's concept of the virtual world and his considerations about the end of reality, we aim at operating with the hypothesis of a virtual nature. What is then virtual nature? This is the issue-question we propose to think about in this article. Exploring how far real and virtual differ from each other, today, is our goal in order to think about this opposition as regards nature.

Key words: real; virtual; nature

Introdução

Pretendemos neste artigo trabalhar com a hipótese de uma natureza virtual. Mais do que afirmarmos que é essa a única natureza que há, o que importa é traçarmos nossa discussão a partir de um outro olhar, que privilegiará uma certa forma de se entender a natureza. Essa natureza, que será trabalhada a partir do pensamento científico, vem se construindo desde a

¹ “Crime perfeito” é o nome de uma das obras de Jean Baudrillard.

Modernidade. Nesse período há o embate entre dois polos epistemológicos², aquele que irá privilegiar a razão, a partir da compreensão racional da realidade, base dos ideais Iluministas, e aquele em que os sentimentos despontam como uma forma de entendimento da realidade, vertente esta realçada pelo Romantismo. De certa forma o nosso trabalho está inserido nesta discussão, só que de modo implícito e não explícito.

Pensarmos numa natureza virtual é pensarmos na sua contraparte também. Mas qual será a contraparte do virtual? Será o real ou o atual? Se pensarmos a partir do primeiro, o real, então, este será tudo aquilo que faz parte do mundo material, concreto, a “realidade objetiva”, enquanto o virtual pertenceria ao mundo “abstrato”, ou melhor, ao não concreto. Porém, se pensarmos a partir do segundo, o atual, este estará ligado ao presente, ao passo que o virtual é aquilo que existe em potência, mas não em ato.

A nossa proposta é a de se trabalhar com a ideia de uma natureza virtual, mas para isso devemos apresentar qual a concepção de virtual que estamos utilizando. A nossa abordagem estará, toda ela, sendo construída a partir das ideias do filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard. O que pretendemos é mostrar como as ideias desse pensador podem contribuir para se pensar, a partir de uma outra perspectiva, a natureza.

Como Baudrillard apresenta então o virtual? Para o autor, o virtual está relacionado à operacionalidade, à informação, à efetuação de cálculos, à oposição binária zero/um (2001). O autor então identifica, a partir das tecnologias virtuais, o início do aniquilamento do real. Com isso, o virtual não mais se opõe ao real, mas marca o fim deste pela anulação das diferenças entre ambos. Real e Virtual, a partir de então, não mais se distinguem, isso porque ambos funcionam a partir da mesma forma, ou, fazendo um jogo com as palavras, da mesma fórmula que formula tanto o virtual quanto o real. Essa, aliás, foi a crítica do autor aos roteiristas do filme “Matrix”. Em “Matrix” há a distinção entre a “Matrix”, que é o mundo virtual, e “Sião(Zion)”, que é o real mundo; com isso Real e Virtual continuam mantendo a diferença entre si. O que o autor quer ressaltar é exatamente o apagamento desta diferença. Para

² Para saber mais ver: Gomes, Paulo César da Costa. *Geografia e Modernidade*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1996, p. 19-47.

isto ele nos dá o exemplo de dois outros filmes que explicitam melhor suas ideias. Um deles é “O Show de Truman – o Show da Vida”(Peter Weir, 1998), em que o mundo de Truman não é diferente daquele onde estão os telespectadores. O outro exemplo é o filme do diretor David Lynch intitulado “Cidade dos Sonhos”(2001). Neste filme a diferença entre o mundo onírico e o do estado de vigília não está claramente definida. Realidade e sonho se confundem³.

Baudrillard está querendo nos chamar a atenção para o fato de estarmos vivendo num real que funcionaria assim como o virtual. O autor chega até mesmo em falar em uma “precessão dos simulacros”, ou seja, o virtual precede a realidade e a engendra. A realidade, então, deixará de existir não devido à falta de real, mas exatamente pelo seu oposto, o excesso de real, aquilo que o autor denomina de “hiper-realidade”. Essa “hiper-realidade” acabaria com os sonhos e as utopias porque os realizaria. O mundo, que até então era uma grande ilusão, “perde-a” e torna-se real devido à realização da ilusão. Aqui o autor nos mostra que a ilusão, que é normalmente entendida como o falso, o enganoso, é que é a realidade. Acabar com essa ilusão significa decretar o fim do mundo real. Portanto, dar completude, acabamento ao mundo, é dar-lhe sua solução final, e, por isso mesmo, no entendimento do autor, decretar o fim da realidade. O crime perfeito seria o fim da ilusão e, por conseguinte, o fim do real, já que nele é a perfeição que é criminosa (BAUDRILLARD, 1996)⁴. Com isso, o virtual, ao buscar essa perfeição e completude, eliminaria o real.

Para trabalharmos com essa hipótese, pensando-a, porém, em relação à natureza, decidimos adotar como metodologia uma revisão bibliográfica. Nesta revisão trabalharemos com obras de cunho geográfico, principalmente com Ruy Moreira, tendo por objetivo resgatar o entendimento da natureza dentro da ciência, porém, especificamente, dentro da ciência geográfica; e as obras do autor Jean Baudrillard, para trabalharmos o Real e o Virtual. O nosso objetivo

³ Entrevista concedida à Revista *Época* disponível no seguinte site: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT550009-1666,00.html> (acessado em 29/05/2009)

⁴ Como afirma BAUDRILLARD (2001, p.59): “[...] no crime perfeito é a perfeição que é criminosa. Tornar o mundo perfeito é dar-lhe acabamento, completá-lo – e, por conseguinte, encontrar para ele uma solução final.”

é, portanto, através desta metodologia, retomar o debate sobre a natureza e apresentar uma outra hipótese na qual a “natureza real” não mais se distinguiria da “natureza virtual”. Passemos, então, a este resgate.

A ruptura homem e natureza

A ruptura homem e natureza se iniciara na época de Copérnico, Galileu e Descartes e suas novas verdades. Em Descartes a dúvida passa a ter um papel importantíssimo na sua filosofia em busca da verdade, pois esta permite que antigos preceitos sejam questionados e investigados, possibilitando assim que antigos prejuízos sejam desfeitos. Com isso Descartes irá formular o primeiro de seus quatro princípios, no qual afirma que tudo aquilo em que possa haver a menor dúvida não poderá ser considerado como verdadeiro. O verdadeiro é somente aquilo que for claro e distinto (DESCARTES, 1973, p.45). A dúvida adquire, então, uma enorme importância no pensamento cartesiano, já que será a partir dela que o filósofo começará a fundamentar seu raciocínio (ibidem).

O que o filósofo está buscando através de um método próprio é um conhecimento verdadeiro. Para Descartes o conhecimento transmitido por outros ao longo de sua vida não pode dar-lhe essa garantia. A partir disso o filósofo afirma ser necessário destruir antigas opiniões a fim de não cometer erros, fazendo-se mister, então, ouvir a razão. Resumidamente, o que o filósofo defende como ideia é que não devemos delegar o conhecimento ao outro, mas sim, pensarmos por nós mesmos. (DESCARTES, 1973, p.38-39).

Com isso, observa-se que Descartes passa a valorizar o pensamento individualista, do sujeito, através do qual a razão, a verdade, se dá. Dessa forma, busca-se no sujeito o princípio de conhecimento da realidade. Isto fica evidente no seu pensamento quando o filósofo afirma:

[...] não [haver] tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou. Assim, vê-se que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e melhor ordenados do que aqueles que muito procuram reformar, fazendo uso de velhas paredes construídas para outros fins” (ibidem).

Verificamos, assim, o desejo de Descartes de reformar seu pensamento para criar uma base sólida, conduzindo-se, para isso, por si próprio. O que o filósofo pretende é criar um método próprio que lhe assegure não cometer erros - como tomar o falso por verdadeiro. Para isso Descartes constrói seu método através da unificação da linguagem matemática (aritmética, álgebra e geometria), permitindo-o, acredita ele, saber a verdade. Assim se apresentam os quatro princípios do método de DESCARTES (ibidem):

1º: jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

2º: dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.

3º: o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

4º: o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.

Ao observarmos os princípios do método de Descartes podemos destacar alguns aspectos. A linguagem matemática é utilizada para construí-los e será ela a única forma de interpretação da realidade. A rigidez é quase a norma, chegando-se, dessa forma, às menores partículas e evitando-se tomar o falso por verdadeiro. A separação entre o sujeito e o objeto, já que este, ao contrário do sujeito, pode ser visto em sua realidade através de sua fragmentação e reunião pela linguagem matemática. Rompe-se assim a relação homem e natureza, passando esta, dentro do sistema cartesiano, a ser um sistema de leis matemáticas (GOMES, 2003, p.71).

O método cartesiano tinha por objetivo conhecer a verdade, rompendo, para isso, com antigas verdades. Esse rompimento, porém, já havia começado antes de Descartes. Nas primeiras décadas do século XVI Nicolau Copérnico

(1473-1543) desenvolve sua teoria heliocêntrica, colocando em xeque a teoria de que a Terra é o centro do Universo (teoria geocêntrica). Rompe-se, assim, a concepção de mundo do homem. Este passa a ter que repensar as suas crenças e a si mesmo, uma vez que agora ele não mais se encontra no centro da Terra, lugar destinado a ele para “experimental a onipresença, a onipotência e a onisciência e assim se orientar e se reencontrar com Deus” (MOREIRA, 2006, p.55). Outra crença que incide num grande dilema é a divisão aristotélica entre o mundo supra-lunar e o sub-lunar. Isso ocorre a partir de Galileu Galilei (1564-1642) que demonstra serem os corpos terrestres regidos pelas mesmas leis mecânicas dos corpos celestes (*ibidem*). Vemos assim que antes mesmo de Descartes rupturas já estavam ocorrendo.

A partir desses pensadores a concepção de natureza começa a ser transformada, dando início à ruptura homem e natureza. Esta se solidifica de vez com Descartes e seu método onde sujeito (homem) e objeto (natureza) são colocados em lados opostos⁵.

Newton, dando continuidade à ruptura, (1643-1727) afirma que os corpos são regidos todos por uma única lei, a gravidade. Com isso, a natureza é, então, dessacralizada tendo ela uma lei própria que rege seus movimentos, sendo fenômeno da natureza: “tudo [aquilo] que se repete numa constância e regularidade matemática em seus movimentos” (MOREIRA, 2006, p.56).

Na Geografia a partir do século XVIII o conceito de natureza será dado, também, a partir desse sistema de leis matemáticas, no qual homem e natureza encontram-se separados, uma vez que esta pode agora ser mensurada e quantificada. Sendo assim, a ciência, com sua linguagem matemática, passa a dar a explicação do mundo físico, colocando o homem num mundo à parte deste – a metafísica -, havendo, dessa forma, uma clara divergência entre ciência e religião: à ciência cabe explicar o mundo físico e à religião o mundo humano. Como afirma MOREIRA (2006, p.57): “com o advento da ciência moderna, a natureza [passou] a ser um campo de forças racionais e lógicas, separando-se rigidamente o natural do não-natural”. A

⁵ “Com relação à concepção dominante no pensamento medieval de uma natureza oculta e insondável, o sistema cartesiano foi o primeiro grande modelo de ruptura” (GOMES, 2003, p.71)

natureza é transformada numa natureza mecânica e utilitarista, retirando, por conseguinte, o homem dessa relação, uma vez que ele é agora assunto da metafísica⁶.

O que permitiu essa separação foi a utilização do método cartesiano no estudo da natureza. Com ele a natureza é fragmentada em milhares de pequenos corpos que a individualizam, mas que, ao mesmo tempo, encontram-se reagrupadas através de relações matemático-mecânicas. Essa ideia da natureza se firma no século XVIII.

Vale ressaltar, porém, que esse pensamento científico não se restringiu somente às ciências matemáticas. Como visto acima, este método passou a ser usado na própria Geografia. O conceito que temos atualmente de natureza na Geografia remete ainda à época da segunda fase da sua história moderna (século XVIII e XIX) se restringindo à esfera do inorgânico, do fragmentário e do físico-matemático⁷. Sendo assim, ao trabalharmos com a natureza na Geografia estamos falando da ordenação dos corpos segundo as leis matemáticas, nas quais natureza e fenômeno não se distinguem. (MOREIRA, 2006, p.47)

Por exemplo, ao analisarmos e classificarmos aqueles fatores que compõem a natureza, tais como, clima, relevo, vegetação etc., damos unidade a esta por meio da linguagem geométrico-matemática. De uma forma resumida, a natureza se restringe ao aspecto físico, sensível e inorgânico, que estudado através de métodos quantitativos, reúne essas informações num só conjunto (MOREIRA, 2006, p.47).

Passa-se, então, à interação da natureza⁸ que, trabalhada separadamente através de análises que a dividem, voltam a uni-la matematicamente. A partir dessas análises a natureza é percebida como “uma

⁶ Porém, como afirma GOMES (2003, p.74): “Da mesma forma, se o movimento dos corpos celestes podia ser visto através das leis, o movimento da sociedade também poderia se tornar o objeto da observação, para que se pudesse extrair as regras e as modalidades de seu funcionamento. A essência do homem e de seu desenvolvimento poderia então ser conhecida de uma maneira tão objetiva quanto aquela da natureza”

⁷ Para MOREIRA (2006, p.47) este conceito começa, hoje em dia, a entrar em crise.

⁸ Interação essa onde “a geologia se relaciona com o relevo; a modelagem do relevo com o clima; a bacia fluvial como decorrência dessa relação relevo-clima; o solo como o elo de passagem do inorgânico ao orgânico e a vegetação como o elo final da cadeia de interação relevo-rocha-clima-rio-solo” (MOREIRA, 2006, p.60)

grande máquina, uma engrenagem de movimentos precisos e perfeitos” (MOREIRA, 2006, p.60).

Feito o resgate que pretendíamos, almejamos agora trabalhar com a ideia de virtual para introduzirmos, a seguir, o debate sobre como a natureza também se virtualizou.

O fim do mundo real

Para Baudrillard é esse processo, o fim do mundo real, a que estamos assistindo e dando continuidade. Para o autor estaríamos cometendo um crime perfeito, já que:

O que está em causa no crime perfeito perpetrado contra o mundo, contra o tempo, contra o corpo, é essa espécie de dissolução pela verificação objetiva das coisas, pela identificação⁹ (BAUDRILLARD, 2001, p.60).

O que o autor quer falar com isso é que nas últimas décadas e a partir, principalmente, das tecnologias virtuais, a nossa cultura tem pretendido substituir a ilusão pela verdade. Estaríamos agindo diferentemente das grandes culturas, que, ao estarem diante de um mundo que é ilusão, geriram a ilusão com a ilusão, enquanto nós produzimos a mais fantástica das ilusões, ao reduzirmos a ilusão com a verdade (BAUDRILLARD, 2001, p.60)⁹. Esta transformação que Baudrillard observa entre as culturas é fruto de uma transformação que vem ocorrendo ao longo da história na ciência e na própria concepção de mundo, como já havíamos visto acima¹⁰. Como afirma GAARDER (2005, p.26):

Muitos dos antigos enigmas foram resolvidos pela ciência ao longo dos anos. Antigamente, um grande enigma era saber como era o lado escuro da Lua. Não era possível chegar a uma resposta apenas através de discussão; a resposta ficava para a imaginação de cada um. Hoje, porém, sabemos exatamente como é o lado escuro da Lua.

⁹ Ainda na mesma citação, continua o filósofo: “Isso equivale a eliminar mais uma vez, como já dissemos, a morte. Pois não se trata mais de morte e sim de extermínio. Literalmente exterminar significa privar alguma coisa de seu fim, privá-la de seu próprio termo. Significa eliminar a dualidade, o antagonismo vida e morte, reduzir tudo a uma espécie de princípio único – poderíamos mesmo dizer de ‘pensamento único’ – do mundo, que se traduziria em todas as nossas tecnologias – hoje, sobretudo em nossas tecnologias virtuais” (BAUDRILLARD, 2001, p.60-61)

¹⁰ Outras transformações como sociais, políticas e econômicas também ocorreram. A nossa ênfase na ciência se deve ao fato de o autor enfatizar esta na citação com a qual iremos trabalhar.

Na dá mais para “acreditar” que há um homem morando na Lua, nem que ela é um grande queijo, todo cheio de buracos.

Observando, então, o que nos diz Gaarder, verificamos que a transformação da ciência também transformou as culturas. Por isso é que talvez Subirats afirme ser a “arte [...] o lugar que a cultura moderna reservou para essa dimensão transcendente do objeto” (apud SANTOS, 2006, p.70, grifo nosso). Ou seja, já que muitos dos enigmas foram esclarecidos hoje em dia pela ciência, a dimensão ilusória, não racional¹¹, metafórica do mundo não acabou, mas passou de todos os campos da nossa vida para se “alojar” no campo único da arte¹². Assim como Subirats havia dito, Horkheimer prossegue nessa linha e diz que o que se verifica nesse tipo de ciência¹³ é “uma linguagem matemática, linguagem do cálculo, fria, que deseja impor-se com a exclusão da emotividade e da surpresa” (apud SANTOS, 2006, p.223).

A virtualização do mundo

Essa linguagem matemática, fórmula de síntese, que acaba com a emotividade e a surpresa, de que nos fala Horkheimer, é, também, a linguagem que vai ser utilizada nas tecnologias virtuais. Nesta a realidade se caracteriza pela operação, informação, perfeição, performance. Mas o que é o Virtual? Segundo LÉVY (1996, p.16): “[...] o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que se chama de resolução: a atualização”¹⁴. Ou seja, o virtual é uma busca constante que realiza fatos sem se realizar definitivamente, pois isso é impossível para o virtual, já que essa não é sua intenção.

¹¹ Quando falamos de não racional neste momento, estamos opondo o termo “não-racional” à razão cartesiana, da linguagem matemática.

¹² Como afirma SUBIRATS, numa análise mais profunda dessas mudanças: “[...] As vidas humanas perderiam boa parte de seu encantamento e riqueza se, por algum acaso, fossem despidas dessa dimensão emocional, interior e não racional que seus objetos constantemente adquirem, seja pelos acidentes que acompanharam sua sorte, seja por qualquer característica singular a eles inerente” (apud SANTOS, 2006, p.70)

¹³ Essa ciência a que nos referimos aqui é aquela que começa, como vimos acima, com Descartes e o seu método.

¹⁴ Como nos afirma Lévy, ele se utiliza da concepção de virtual feita por Deleuze. Portanto, o virtual de que nos fala Lévy, não é uma concepção sua, mas sim, como diz o próprio autor, de Deleuze.

Numa concepção mais usual, o virtual é aquilo que se opõe ao real. Ou seja, o enganoso, o falso, que é o caso da maioria das vezes. Porém, para Baudrillard hoje em dia o real é como o virtual, pois assim como as tecnologias virtuais, a realidade está sendo reduzida a informação, operação, números. Sendo assim, neste processo, passamos a ter a um “real” rígido, performático, codificado e informativo, características estas próprias das tecnologias virtuais. Com isso, verifica-se que a mesma perfeição e normatização que tanto nos encanta e fascina nas tecnologias virtuais, ou seja, no duplo virtual¹⁵ acabam por se realizarem no “real”, dando a este um “acabamento definitivo” e decretando, assim, seu “fim como uma ilusão”, constituindo-se, portanto, num crime perfeito. Essa ideia é bem exemplificada quando Baudrillard fala sobre a ilusão cinematográfica:

Já desde o mudo ao falado, até à cor, ao relevo e à gama actual dos efeitos especiais a ilusão cinematográfica foi desaparecendo à medida da performance. Já não há vazio, nem eclipse, nem silêncio. Quanto mais nos aproximamos dessa definição perfeita, deste perfeição inútil mais perdemos a potência da ilusão. Para nos convenceremos disso basta pensar na Ópera de Pequim – como através do simples movimento dos seus corpos, o velho e a jovem tornavam viva em cena a vastidão do rio, como, na cena do duelo, os dois corpos roçando as armas sem se tocar tornavam fisicamente palpáveis as trevas em que o duelo se desenrolava. Aí a ilusão era total, um êxtase físico e material mais do que estético ou teatral, justamente porque se tinha suprimido toda a presença realista da noite e do rio. Hoje, ter-se-ia alimentado a cena com toneladas de água, rodar-se-ia o duelo na obscuridade, em infra-vermelho (BAUDRILLARD, 1996, p.56)

Nesta performance é a perfeição que passa a entrar em cena. Tal perfeição é criminosa para Baudrillard, pois ela acaba com todo o princípio da ilusão. A partir da hiper-realização do acontecimento o real desaparece não por falta de real mas, por mais paradoxal que seja, pelo excesso de realidade. Por um hiper-real que se dá, sobretudo hoje em dia, através das tecnologias virtuais. Ainda segundo o filósofo:

Nós nos movemos para um mundo onde tudo que existe apenas como ideia, sonho, fantasia ou utopia será erradicado, porque tudo isso será imediatamente realizado, operacionalizado (2001, p.73).

A natureza virtual

¹⁵ O “duplo virtual” é aquilo que usualmente chamamos de virtual, enquanto que o virtual com o qual estamos trabalhando aqui, é aquilo que usualmente chamamos de real.

Em relação à natureza essa ilusão também parece ter-se acabado, na análise instrumental, técnica, descritiva¹⁶ da natureza, processo esse que faz parte da tradição geográfica ao trabalhar com ela. Houve uma necessidade de se estudar a natureza até chegar à sua nudez, fazendo-a perder qualquer relação com a realidade - a ilusão¹⁷.

A natureza, em nossa sociedade, tem sido muitas vezes apreciada nos parques, porém estes só podem servir de modelo para a reprodução da ideia de natureza. Reprodução ao natural do natural, de um passado que não se encontra mais exposto no museu, mas que faz do todo um museu. Não é isso que faz o turismo?! SANTANA (1999, p.187), por exemplo, nos mostra que:

Os animais, símbolos da biodiversidade, dificilmente são vistos pelos ecoturistas, os movimentos e o barulho nas trilhas os afastam, daí porque há o safári fotográfico. A necessidade imposta pelo turismo e o ideal de conservação dos ecossistemas é de manter esta imagem intacta, é o que Ascher chamou de 'museificação do lugar' (1999, p.187).

O que poderíamos pensar, a partir disso, é que se um dia quisessem conhecer a nossa sociedade, no que tange à natureza, os nossos registros não estariam somente guardados nas gavetas, mas também nos parques. Nesse caso não haveria nem a necessidade de se delimitar uma área, ou seja, de se construir um museu para mostrar às sociedades posteriores o que era a natureza em nossa época, bastaria entrarmos nos parques. No museu, quando apresentamos a múmia retirada do sarcófago, a desterritorializamos, tanto física quanto simbolicamente, para reterritorializá-la. No turismo desterritorializamos e reterritorializamos a natureza, simbolicamente, in situ, onde esta se transforma num palco para espetáculo. Essa ideia pode ser bem apreendida quando Schopenhauer nos fala sobre os reis e os heróis:

Os reis deixaram aqui suas coroas e cetros; os heróis, suas armas. Mas os grandes espíritos, cuja glória estava neles e não em coisas externas, levaram com eles suas grandezas (*apud* YALOM, 2005, p.89).

¹⁶ Quando nos referimos à descrição da natureza falamos da nomeação das espécies, os nomes científicos e as classificações.

¹⁷ Nudez enquanto verdade última, verdade essa que acabaria por eliminar a ilusão, e, por conseguinte, o real, segundo Baudrillard.

Quando tentamos resgatar uma natureza e reproduzi-la, essa ação não consegue abarcar todos os fenômenos anteriores. Como afirma DaMatta, através de um belo exemplo:

[...] os eventos que servem de foco ao 'cientista social' são fatos que não estão mais ocorrendo entre nós ou que não podem ser reproduzidos em condições controladas. De fato, como poderemos reproduzir [uma] festa de aniversário[...]? Ou o ritual de Carnaval que ocorreu em 1977 no Rio de Janeiro? Mesmo que possamos reunir os mesmos personagens, músicas, comidas, vestes e mobiliário do passado, ainda assim podemos dizer que está faltando alguma coisa: a atmosfera da época, o clima do momento (DAMATTA, 1981, p.19)

É exatamente essa atmosfera que falta no virtual. Ao reproduzirmos uma realidade apenas enquanto informação ela em nada passa a se distinguir do virtual. Ambas passam a trabalhar com a mesma lógica, exterminando, dessa forma, a realidade e transformando o mundo em um mundo virtual.

Com isso, embora reste ainda o físico da múmia, o que ela representava para sua sociedade, e todo o ritual de mumificação desta, foi junto com a morte dela¹⁸. Como afirma BAUDRILLARD (1991, p.19):

[...] terá bastado exumar [a múmia] de Ramsés para o exterminar ao museificar: é que as múmias não apodrecem com os vermes: elas morrem por transumarem de uma ordem lenta do simbólico, senhora da podridão e da morte, para uma ordem da história, da ciência e do museu, a nossa, que já não domina nada, que só sabe votar o que procedeu à podridão e à morte e tentar em seguida ressuscitá-lo pela ciência.

Foi isso também que fizemos com a natureza. Resguardamo-na e resgatamo-na finalmente por meio dos parques¹⁹. Talvez tenha sido esse um dos objetivos para a criação dos parques e de todas as áreas de preservação e conservação: buscava-se, assim, recuperar aquela natureza ilusória, não no sentido pejorativo da palavra, que a falsificaria para nós deixando-nos à margem dela, mas no que concerne a acreditar nela não somente como código, informação, operação. Criamos, agora, nossas verdadeiras ilhas da fantasia e da ilusão.

Poderíamos inclusive tentar ir mais a fundo que as sociedades primitivas e nos alucinarmos na ressurreição de uma natureza anterior ao homem, modelo de cópia para todos os demais parques, salvação de uma "natureza

¹⁸ Assim, como seria também, o caso das inscrições rupestres e de tantos outros vestígios passados.

¹⁹ Mesmo que o significado da natureza tenha mudado.

primeira”. Então, aos herbários, quem sabe, poderíamos reverenciar por tal dádiva, por permitirem que as espécies de plantas sejam codificadas, catalogadas, empacotadas, transformando a natureza em informação. Assim como as tecnologias virtuais, que geram informação, a natureza também está gerando informação, ou melhor, ela é informação. Engavetadas em ambientes com temperatura controlada, essas espécies mortas/extintas, que estão sendo salvas assim como os arquivos, poderiam ressuscitar e serem reproduzidas; tiradas de sua morte e dadas à vida. Por ironia elas não serão diferentes das demais, o que evidencia algo soturno: ou todas estão vivas e nunca realmente morreram, ou têm estado mortas mesmo quando aparentavam estarem vivas e já não podiam morrer, pois não puderam viver.

Porém, não é preciso ir ao parque para ver a natureza. Uma outra forma que temos hoje em dia de conhecê-la, que sobrepõe a própria dimensão do virtual, são os canais de televisão de conteúdo relacionado à natureza. São exemplos disso: Discovery Channel, Geographic Channel e Animal Planet. Neste momento, poder-se-ia dizer que a natureza é descoberta quando ela é encoberta, já que toda a ilusão vai ser reduzida²⁰. Estagnada debaixo de holofotes que a fotossintetizam para nós, a natureza ganha vida; são essas luzes que a alimentam para nós. Ao contrário de uma perda, a natureza supervaloriza-se a partir deste ponto, o duplo virtual ganha maior potência do que o próprio virtual já tinha. A realidade já está tão distante que é por isso que acredita-se tê-la quando ela já não mais existe, no real²¹. Porém, o que está em jogo já não é mais uma natureza, mas sim, uma realização: busca-se concretizar esse duplo virtual. Neste jogo, perde-se o sentido de natureza para se ganhar o sentido de realidade, falso na natureza e em sua realidade. Não há concretização nem de natureza, nem de realidade. Indo para além desse jogo, há uma realização no virtual através da interface do duplo virtual. Nessa realização passa-se então da tela da televisão para o vidro do carro e as lentes da máquina fotográfica.

Mas as semelhanças não se restringem somente ao real e ao virtual. Homem e a natureza também são transformados e passam a se assemelhar. É

²⁰ Aqui não nos importa discutir se os canais produzem verdade através das imagens.

²¹ Que na verdade já não mais será real, mas sim, virtual.

a origem do homem informação, sintetizado através DNA, reduzido à molécula, e da natureza informação, sintetizada através do código genético das plantas e suas classificações científicas. Os alimentos são uma prova disso. Já não ingerimos macarrão, arroz, feijão, laranja, ovo, carne, etc., mas carboidratos, ferro, vitaminas, proteínas, etc. Todos os alimentos transformados em informação.

Assim como o caso do computador, que trabalha com a informação e com os códigos binários 0/1, natureza e homem são entendidos enquanto informações e códigos, não havendo diferenças, neste sentido, entre o mundo real e o mundo virtual, o homem e a natureza, ambos sendo compreendidos a partir do mesmo modelo. O que temos é uma a natureza transformada, operacionalizada, realizada, onde homem e natureza se encontram formulados, codificados, rastreados e enfim juntos.

A ruptura homem e natureza, nesse caso, estaria acabada e enfim realizaríamos o sonho de tantos geógrafos que é o de ver homem e natureza finalmente juntos. Se a leis da natureza não podem ser aplicadas à sociedade, podemos ao menos unir natureza e sociedade, no que tange a pensá-las enquanto informação. Porém, será que é isso mesmo o que queremos ou não será melhor, a partir de então, lutarmos para promovermos um novo tipo de ruptura? Ou melhor, uma outra relação?

Considerações finais

Atualmente o mundo físico é construído muitas vezes a partir do computador, ou melhor dizendo, tem neste o seu modelo. Com isso, para Baudrillard, o nosso mundo torna-se um simulacro daqueles protótipos feitos nos computadores. O que se verifica, então, é que há aqui uma crítica do autor a esse modelo de ciência, que se mostra por demais rígido e em que as tecnologias virtuais seriam o exemplo mais claro dessa rigidez.

Como vimos, para Baudrillard (1991), as tecnologias virtuais caracterizam-se por serem o exemplo da eficácia ao extremo, performance pura e a realidade que vemos nelas, o seu modo rígido de trabalhar e operar, está se dando hoje também no nosso mundo e é por isso que o autor diz não

haver mais diferenças entre o mundo virtual e o real. Com isso, Baudrillard (2001) afirma ser a realidade tudo aquilo que foge desse modelo, dessa eficácia, dessa completude que quer-se fazer no mundo, não sendo à toa que uma de suas obras intitula-se “A Ilusão Vital” (2001). Ou seja, a necessidade de sairmos dessa rigidez e nos iludirmos, abrimos possibilidades ante ao já concretizado.

Um dos exemplos dessa rigidez pode ser visto na Geografia, em que a natureza ficou sendo entendida através de sua fragmentação e a análise de suas partes, através a adoção dos princípios cartesianos na sua compreensão, no qual sujeito e objeto encontram-se separados. A transformação da realidade em informação, assim como é feito nas tecnologias virtuais, faz com que não haja diferença na forma em que construímos o nosso mundo e o mundo virtual. Uma outra semelhança que podemos observar entre o real e o virtual é quando a realidade é reduzida à imagem, ocorrendo, em ambos, a mesma compreensão de natureza enquanto paisagem²².

Entretanto, o fato de a natureza não ser o que ela era, não significa dizer que ela não seja. Se ela foi desqualificada para ser requalificada, transformando o nosso entendimento sobre ela, isso também não significa dizer que ela deveria ser exatamente alguma coisa. A natureza, assim como a realidade, deverá sempre estar em vias de ser, sendo e não sendo ao mesmo tempo, pois ambas são vividas em sua incompletude que nunca deve se completar; embora queiramos, ao que parece, completá-la, realizá-la, ou melhor, como diria Baudrillard, hiper-realizá-la.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

_____. *Crime Perfeito*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

²² Vale lembrar, que há diversos autores que não reduzem o conceito de Paisagem a imagem. Para saber mais ver, por exemplo, Tetsuro Watsuji “Filosofia Del paisaje” e Jean-Marc Besse *Ver a Terra, seis ensaios sobre a Paisagem e a Geografia* (2006).

_____. *Senhas*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

_____. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Ciências Naturais e Ciências Sociais*. In: *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. In: *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores 15). (33-79p.).

GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia, romance da história da filosofia*. 58ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

GOMES, Paulo César da Costa. *A evolução do racionalismo moderno e o pensamento da natureza*. In: *Geografia e Modernidade*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. (67-92p.).

LÉVY, Pierre. *O que é virtualização?* In: *O que é virtual?*. São Paulo: Editora 34, 2003. 15-25p.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?: Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTANA, Paola Verri. *A Mercadoria Verde: a natureza*. In: CARLOS, A., Damiani, A. & Seabra, O. (Orgs.). *O Espaço no Fim de Século: A nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2006.

YALOM, Irvin D. *A Cura de Schopenhauer*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.